

ECOFEMINISMO PARA TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

ECOFEMINISM TO TRANSFORM THE WORK ENVIRONMENT

Denise Erthal de Almeida

Assistente social, mestre em sustentabilidade, UNINTER
deniserthal@gmail.com

RESUMO

O artigo aborda a contribuição do ecofeminismo para o novo paradigma, chamado de uma visão de mundo holística, que requer mais do que mudanças de percepção e de pensar. Requer mudança de valores. Através do enfoque do desenvolvimento sustentável, da ecologia profunda, dos princípios do ecofeminismo e da questão de gênero, chega-se às questões enfrentadas pelas empresas. Pressionadas por estas demandas e, principalmente, pela economia globalizada, assumem uma nova forma de gestão – a responsabilidade social. A relação entre os valores do paradigma emergente, a possibilidade de ações transformadoras no trabalho e a pesquisa-ação constituem os principais pontos deste estudo.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável, ecofeminismo, ecologia profunda, pesquisa-ação, responsabilidade social empresarial.

ABSTRACT

The following paper highlights the contribution of ecofeminism for the new paradigm of a holistic view of the world, which requires more than a perception and thinking change. It requires change through values. Sustainable development approach, deep ecology, ecofeminism principles and gender issues can show the problems companies have. The pressure companies have due to such demands, and especially the due to the global economy, make them adopt a new management strategy called social responsibility. The relationship among the emerging paradigm values, the perspective of changing attitudes within work environment and research-action are the main points of the following paper.

Keywords: sustainable development, ecofeminism, deep ecology, research-action, business social responsibility.

INTRODUÇÃO

Ao cursar o mestrado em Responsabilidade e Prática de Negócios, a pesquisadora deparou-se com a magnitude da Ecologia Profunda e identificou-se profundamente com as propostas da Escola Ecofeminista. São contribuições interessantes, ricas e densas sobre a interligação do papel da mulher com a proteção da natureza, no contexto do sistema patriarcal.

O ecofeminismo resgata o princípio feminino cujos valores são fundamentais para a formação de uma sociedade ecológica, como resposta aos atuais riscos de sobrevivência do ser humano.

Neste paradigma, a mudança está na performance individual. O gesto de cada um de nós, levado para o coletivo, despertará as transformações necessárias. Este trabalho é um marco, em termos pessoal e profissional, para este contexto. Nele é apresentada uma prática profissional aplicando a pesquisa-ação na primeira e segunda pessoas. O propósito está em avaliar como introduzir o ecofeminismo no mundo do trabalho, já que seus princípios ativam transformações na realidade.

DESENVOLVIMENTO

O início do século XXI é dominado por forte alta concentração econômica, que aumentaram os níveis de desigualdade social e desequilíbrio ecológico, resultado do modelo de desenvolvimento imposto pelo liberalismo econômico.

Esta configuração levanta a questão de quais tipos de negócios e atividades financeiro-industriais o mundo será capaz de enfrentar no futuro.

Como novo paradigma dos negócios, o Desenvolvimento Sustentável já em 1987 passava a ser veiculado no documento intitulado *Nosso Futuro Comum*¹, apresentado pela Comissão Mundial das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Foi proposto como um desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades.

Inicialmente enfocava a preservação ambiental, no contexto de um compromisso entre as gerações. Posteriormente, os aspectos econômico, social, cultural e político também passaram a ser considerados e o conceito se expandiu para aquele que “envolve a conservação ambiental e a exploração racional dos recursos naturais do planeta, como a satisfação das necessidades básicas humanas, o respeito pelos direitos humanos, a

¹ FGV *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro. 1989

preservação da cidadania e o acesso aos bens de consumo e serviços, sempre tendo em conta o compromisso entre gerações presentes e futuras".

John Elkington² percebeu as implicações deste contexto para a civilização contemporânea e procurou um termo que abrangesse as dimensões econômica, social e ambiental. Criou a expressão Triple Bottom Line que define a determinação nos lucros ligada às condições de manutenção e preservação da organização, como, por exemplo, se haverá continuidade de demanda em relação aos serviços oferecidos ou matéria prima para o que é produzido. Portanto, diante desse desafio que implica o desenvolvimento sustentável, as estratégias competitivas de negócios passam a ser desenvolvidas por meio de soluções socialmente corretas, ambientalmente sustentáveis e economicamente viáveis.

De acordo com Fritjof Capra estas questões correspondem a um único problema porque estão inter-relacionadas. Em seu livro *A Teia da Vida*³, aborda uma revisão radical do paradigma "que está agora retrocedendo, dominou nossa cultura por várias centenas de anos, durante os quais moldou nossa sociedade ocidental moderna". Este paradigma visualizava o universo e o corpo humano como sistemas mecânicos, a vida em sociedade como uma existência baseada em uma interminável luta competitiva e no progresso material, a ser alcançado pelo desenvolvimento econômico e tecnológico. "Uma sociedade que tem como lei básica da natureza a mulher submetida ao homem em todas as circunstâncias".⁴ Para o novo paradigma, uma cosmovisão ecológica, o mundo é um todo integrado e as conexões entre o meio natural e social assumem uma importância fundamental.

A consciência ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que o ser humano está inserido nos processos cíclicos da natureza.

A escola filosófica da Ecologia Profunda foi fundada por Arne Naess⁵, em 1970, com princípios que enaltecem o bem-estar e o florescimento da vida humana e não-humana na Terra, pelo seus valores intrínsecos, inerentes. Esses valores são independentes do

² ELKINGTON, J. *Canibals with Forks*. 1998

³ CAPRA, F. *A Teia da Vida*. São Paulo. 1997.

⁴ CAPRA, F. *A Teia da Vida*. São Paulo. 1997.

⁵ NAESS, A. *Ecology, Community and Lifestyle*. 1989.

utilitarismo que o mundo não-humano pode ter para fins humanos. Ressaltam, que a riqueza e a diversidade de formas de vida contribuem para o cumprimento destes valores e também têm valor em si. A principal mudança ideológica é aquela que valoriza a qualidade de vida sobre a busca de um padrão mais elevado de viver, o qual pode somente ser alcançado por alguns. Há uma grande diferença entre mais e melhor. Para esta escola filosófica, aqueles que subscrevem estes pontos de vista são obrigados, direta ou indiretamente, a tentar concretizar as mudanças necessárias.

Em relação a esta mudança de valores, Capra, enfatiza duas tendências: a autoafirmação e a integrativa. Ambas são aspectos essenciais dos sistemas vivos. No entanto, na cultura industrial, tem havido uma ênfase na autoafirmação, enquanto a tendência integrativa tem sido negligenciada. Este aspecto dificulta as mudanças para um sistema com mais equilíbrio porque no sistema patriarcal esta prevalência é associada com os homens.

“[...] Eles não são apenas favorecidos, mas também recebem recompensas econômicas e poder político. Poder, concebido como a dominação sobre os outros, é exercido por homens que ocupam os mais altos níveis da estrutura hierárquica, enquanto as mulheres ocupam os mais baixos. Sendo um valor extremamente auto assertivo, os homens "vieram a ver sua posição na hierarquia como parte de sua identidade e, portanto, a mudança para um sistema de valores diferente gera medo existencial neles".⁶

Como o poder é um obstáculo à mudança de paradigma e a questão de gênero está fortemente ligado a ele, é fundamental abordar alguns de seus aspectos.

O significado de gênero refere-se às ideias culturais que criam imagens e expectativas sobre homens e mulheres. O gênero é geralmente definido como relativo a traços de personalidade masculina e feminina e tendências opostas de comportamento.

Masculinidade é normalmente associada com agressividade, lógica, frieza emocional e dominação, enquanto a feminilidade é associada com a paz, a intuição, a expressividade emocional e a submissão. Não há um papel masculino ou feminino distinto, mas apenas conjuntos de ideias ligeiramente vinculados sobre homens e mulheres, que podem ser invocados para uma variedade de propósitos, incluindo controle social e manutenção do sistema patriarcal dominado pelos homens.

⁶ CAPRA, F. A Teia da Vida. São Paulo.1997

Muraro e Boff ⁷apresentam as grandes linhas da pesquisa sobre o gênero e sobre os princípios feminino/masculino.

Na *primeira linha* de pensamento, homem e mulher tem sua memória sexual própria, fundada ao longo do processo de evolução da vida. Os comportamentos são distintos, com características psicológicas específicas. Embora a aprendizagem e os processos de socialização tenham um grau de importância, tais realidades serão moldadas pelas matrizes biológicas pré-existentes. As relações entre os sexos – igualitárias, hierárquicas ou opressoras e as formas de poder exercidas a partir daí, também são condicionadas pela base biológica diferencial dos sexos.

Para a *segunda linha*, o condicionamento social influencia as diferenças sexuais, as diferenças de personalidade, funções e empunhando do poder. Não há nenhum homem ou mulher *in natura*, concretamente existente. Tudo depende do tipo de construção social operada, onde é necessário colocar o gênero no ambiente da cultura, relações de poder e sua inserção no processo produtivo. No nascimento há uma neutralidade psicosexual.

A *terceira linha* “*esforça-se por recolher o momento de verdade em cada uma das posições anteriores e procura dialetizá-las*”.⁸ Os seres humanos são concebidos como parte e parcela da natureza com seu próprio capital biológico-sexual. Por outro lado, há a possibilidade de intervir na natureza e trabalhá-la para seus próprios fins. Assim, tal singularidade humana faz a interação de fatores biológicos e socioculturais na construção concreta do gênero mais complexo. Comportamentos benfazejos se instauram quando há uma sintonia entre equipamento genético e o meio. O conflito se instala quando não há adequação e harmonização entre estes fatores.

O Ecofeminismo, enquanto uma escola especial da ecologia profunda, aborda a dinâmica básica desta terceira corrente no contexto do patriarcado. O termo, usado pela feminista francesa Françoise D' Eaubonne primeira vez em 1974, estava ligado aos direitos reprodutivos – havia a preocupação com o crescimento demográfico e tornou-se

⁷ MURARO, R. e BOFF, L. Feminino e Masculino Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante.2002.

⁸ MURARO, R. e BOFF, L. Feminino e Masculino Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante.2002.

essencial para compreender a proximidade existente entre a mulher e o meio ambiente. Mulheres vieram a ser identificadas como detentoras de soluções diante das ameaças para a humanidade: superpopulação e a destruição dos recursos naturais.

Ynestra King⁹ diz que vivemos em uma cultura que se baseia no repúdio à natureza e no desejo de sua dominação. Isto tem um significado especial para as mulheres porque, no pensamento patriarcal, as mulheres estão mais próximas da natureza do que os homens. Isto confere às mulheres uma participação especial para pôr fim ao anseio pelo domínio da natureza; na cura da alienação, entre a natureza humana e a não-humana. Ressalta que os ecologistas não entendem que a razão central para a opressão da mulher é sua associação com a natureza, tão desprezada, e com a qual eles estão tão preocupados. A autora explora a premissa de que o ódio à mulher e o ódio à natureza estão intimamente ligados e se reforçam mutuamente. Portanto, não haverá respeito ao meio ambiente enquanto não houver respeito à mulher.

Embora existam linhas dentro do Ecofeminismo que mostrem divergências estratégicas em suas perspectivas, observa-se que existe o consenso de que “o propósito das mulheres seria então estar unidas na proposta de restaurar o meio ambiente natural e a qualidade de vida para os seres humanos e não humanos no planeta”.¹⁰

De acordo com Irene Diamond & Gloria Orenstein¹¹ o surgimento do movimento ecofeminista é o maior catalisador ético, social, político e criativo de mudança que vai "reconstruir o mundo". O ecofeminismo opõe-se à dualidade criada pela visão predominante de progresso e ao mundo hierárquico, egoísta, materialista, competitivo, racional-tecnológico, destrutivo e violento. Propõe um mundo com valores cooperativos, de cuidado e nutrição, relativos às emoções, sentimentos e complexidades do relacionamento humano, um mundo onde não existem soluções simples ou tecnicamente definidas. A proposta do Ecofeminismo sintetiza-se nas palavras de Boff¹²:

... quando falamos de masculino e feminino, com essas palavras nos referimos à estrutura básica do ser humano. Masculino e feminino existem em

⁹ KING, Ynestra. *The ecology of the feminism and the feminism of ecology*. 1997.

¹⁰ DI CIOMMO, R. *Ecofeminismo e Educação Ambiental*. 1999.

¹¹ In DI CIOMMO, R. *Ecofeminismo e Educação Ambiental*. 1999.

¹² MURARO, R. e BOFF, L. *Feminino e Masculino Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante. 2002.

todo ser humano, homem e mulher, com forças que produzem identidade e diferenças. Nós não dizemos que o homem faz tudo o que convém ao masculino e que a mulher faz tudo o que expressa o feminino. É uma questão de princípios presentes em cada um de nós. O drama da cultura patriarcal reside no fato de que usurpou o princípio masculino apenas para o homem ... ao não integrar o feminino em si mesmo, o homem tornou-se rígido e se desumanizou ... identificou o feminino com as mulheres, negando sua realização mais completa com a inserção do masculino e seus valores no processo de personalização e socialização.

A recuperação do princípio feminino, fundamental para o ecofeminismo, é baseada na inclusão. É uma retomada de formas inovadoras de ser e perceber a natureza, a mulher e o homem. Implica em ver a natureza como um organismo vivo, as mulheres como ativas e produtivas e os homens como capazes de transformar práticas e atividades que reduzem e ameaçam a vida em sociedades que a valorizam. Segundo Vandana Shiva¹³ permite uma redefinição de crescimento e produtividade como categorias ligadas com a promoção da vida, não com sua destruição. Portanto, é um projeto político ecológico e feminista que “legitima o modo de conhecer e ser para criar riqueza pela valorização da vida e da diversidade, e que deslegitima o conhecimento e a prática de uma cultura da morte como base para a acumulação de capital”.

A mensagem de Judith Plant¹⁴ sobre o Ecofeminismo é que "devemos cultivar as características humanas da bondade e do cuidado [...] valorizar a diversidade acima de todas as coisas e a autoridade para tomar decisões, responsabilidade para com nós mesmos e para com a comunidade". Ela exemplifica ... "as pessoas estão se organizando em vários níveis para combater o desperdício tóxico, a poluição atmosférica etc., em outras palavras, exigem que os setores público e privado atendam e respeitem as necessidades de todos, indicando que o poder também pode significar encontrar a unidade na diversidade".

Por sua vez, diante da economia globalizada, as empresas estão enfrentando um grande desafio: realizações crescentes de competitividade e produtividade e a preocupação com a legitimidade social da ação empresarial, uma vez que a noção de cidadania tem sido redefinida e modalidades inovadoras de direitos coletivos são constituídas.

¹³ SHIVA, V. *Staying Alive*. 1989.

¹⁴ PLANT, J. *Healing the Wounds. The promise of eco-feminism*. 1989.

O Instituto Ethos¹⁵ define responsabilidade social como uma forma de conduzir o negócio da empresa de forma a torná-lo um parceiro e corresponsável pelo desenvolvimento social. A empresa socialmente responsável é aquela que possui a capacidade de ouvir os interesses de todas as partes do seu negócio, incorporando-os ao planejamento de suas atividades, buscando atender as demandas de todos e não só os acionistas e proprietários.

Assim, as questões como diversidade, equidade e inclusão social não estão restritas às políticas públicas, ao movimento feminista, à ecologia. Passam, também, a compor o plano de ação da iniciativa privada, via uma gestão socialmente responsável.

METODOLOGIA

A indagação formulada para este estudo considerou:

- O campo de atuação da pesquisadora, consultoria em responsabilidade social empresarial a organizações industriais,
- O novo paradigma, uma visão sistêmica do mundo, que atribui papel relevante a cada pessoa no processo de mudança.

A escolha pela pesquisa-ação deu-se uma vez que pesquisador torna-se também parte do estudo ao ter que pensar e refletir sobre sua vida, sendo uma prática extremamente enriquecedora como ação transformadora. De acordo com McNiff¹⁶, "as pessoas fazem pesquisa-ação como uma forma de ajudá-las a entender como podem contribuir para a mudança social; a intenção é mudar para melhor".

Segundo Reason e Bradbury (2001:1)¹⁷ "... a pesquisa-ação procura reunir ação e reflexão, teoria e prática em participação com os outros, na busca de soluções práticas para questões inquietantes e, mais usualmente, para o desenvolvimento de pessoas e comunidades".

¹⁵ INSTITUTO ETHOS. Indicadores ETHOS. São Paulo. 2000.

¹⁶ MCNIFF, J. Action Research for Professional Development. Concise advice for new action researchers. 2002.

¹⁷ REASON, P. and BRADBURY, H. The Handbook of Action Research: Participative Inquiry and Practice. LONDON, Sage. Ch. 44 Self-Reflective Inquiry Practices: Judi Marshall. 2001,

A pesquisa-ação na primeira pessoa pode ser descrita como a habilidade do pesquisador em "promover uma abordagem investigativa para sua própria vida, atuar com consciência e escolher cuidadosamente e avaliar os efeitos no mundo exterior enquanto atua" (Reason & Bradbury, 2001) e como "auto-estudo-no-meio-de-ação" (Torbert, 2001). Na segunda pessoa, volta-se para "nossa capacidade de investigar face a face com outros, questões de interesse mútuo" (Reason e Bradbury, 2001) e "falar e ouvir com os outros" (Torbert, 2001)¹⁸.

Buscou-se identificar se as ações desenvolvidas incorporavam os princípios do ecofeminismo no mundo dos negócios, considerando que foram desenvolvidas em uma organização privada, prestadora de serviços sociais para indústrias brasileiras. A investigação corresponde a cinco experiências vividas em sete meses e para este texto foi selecionada uma destas.

Marshall¹⁹, em *Práticas de Investigação Self-Reflective*, vê como necessária em toda pesquisa certa variante de uma prática auto reflexiva e apresenta como instrumentos os arcos internos e externos de atenção.

Os arcos internos de atenção se concentram em nossos pressupostos, nossos padrões de atividade, nossa resposta aos outros, a linguagem que usamos, a maneira como damos sentido ao que está acontecendo. Marshall recomenda que observemos esses arcos internos com curiosidade e leveza. Que sejam usados para perceber e perguntar como podemos ser diferentes, de uma forma que possamos vivenciar outros conceitos ou respostas.

Os arcos externos se voltam para o que está acontecendo ao nosso redor, como somos afetados por isso, como estamos mantendo ou mudando uma situação, como podemos testar nossas premissas, como os mesmos eventos ou situações impactam nas outras pessoas.

A pesquisadora adotou desde o início dos trabalhos o uso de um caderno para observações/anotações diárias, em várias circunstâncias. O resultado deste procedimento foi a constatação de sua utilidade, uma vez que o registro de ideias, compromissos, sentimentos, arranjos, dados e informações diversas permitiu a reconstrução das

¹⁸ TORBERT, W. R. (1991). *The Power of Balance: transforming Self, Society, and Scientific Inquiry*. Newbury Park: Sage

¹⁹ MARSHALL, J. *Self-Reflective Inquiry Practices*. 2001.

situações vividas com exatidão. Em relação aos arcos internos de atenção, os apontamentos feitos permitiram que fossem selecionados os mais adequados para constar na pesquisa, considerando sua finalidade. Marshall observa, também, que este procedimento é como conversar consigo mesmo, uma vez que conduz às ideias e sentimentos que os geraram.

Os arcos externos de reflexão buscaram principalmente maneiras de testar ideias em desenvolvimento. Este foi um recurso muito usado porque, apesar de pertencer a uma equipe, a pesquisadora atuava sozinha na gestão do programa de responsabilidade social. O maior objetivo em praticá-lo era o envolvimento com outras pessoas, de forma a investigar de forma colaborativa. Foram feitas notas sintetizadas dessas práticas, pois era outra maneira de acompanhar os ciclos da pesquisa.

O curso Formação para Consultoria em Responsabilidade Social Empresarial foi uma destas cinco experiências e contém elementos que ilustram a proposta deste estudo.

Desenvolvido com um grupo multidisciplinar com vinte e sete profissionais (assistentes sociais, engenheiros do trabalho, instrutores de educação física, professores, gestores de unidades de serviços sociais), tinha como objetivo alinhar conceitos de responsabilidade social e elaborar um plano de ação a ser desenvolvido pelo grupo ao longo dos meses seguintes. O resultado esperado era a formação de um grupo de consultores e a implantação de serviços de consultoria em responsabilidade social para as indústrias da região aonde estes profissionais estavam contratados.

O primeiro ciclo da investigação ocorreu durante a abordagem sobre o desenvolvimento sustentável, por meio da apresentação da Teoria de Gaia e do Movimento Natural Step, observando a reação do grupo. Este programa de treinamento foi estabelecido de forma que houvesse uma melhoria contínua na abordagem das duas teorias, tornando sua abordagem sempre mais interessante e alinhadas aos objetivos do curso.

O segundo ciclo teve lugar com o mesmo grupo. Foram usados textos denominados Dilemas para provocar reflexões e discussões em grupo sobre as circunstâncias e contextos vividos pelas empresas interessadas em adotar uma gestão socialmente responsável, no mundo globalizado. O enfoque foi o aspecto ético, os valores que embasam a tomada de decisões de uma empresa, diante de uma situação complexa.

A pesquisadora refletiu sobre o que Joanna Macy descreve em seu livro *World as Lover, World as Self*²⁰ onde são descritos quatro modos particulares que as pessoas, em caminhos espirituais, veem o mundo: como um campo de batalha, como uma armadilha, como um amante, como si mesmo.

O mundo como si mesmo, é a visão que estabelece uma conexão com a proposta da pesquisa, uma vez que o pensamento sistêmico é o fundamento do movimento da ecologia profunda. Assim como os amantes procuram a união, estamos aptos, quando nos apaixonamos pelo mundo, também a nos incorporarmos à unidade. "[...] cada ser, cada gota, em cada nó da rede, é iluminada por todos os outros e refletida neles. Como parte deste mundo, você contém o todo". A teoria geral dos sistemas mostra-nos como todos os sistemas auto organizados são criados e sustentados pela dinâmica em jogo nos sistemas maiores do nosso universo. A parte contém o todo. Gregory Bateson descreve sistemas cognitivos abertos, nossas mentes, em termos de fluxo de informações, onde nenhum self separado pode ser delimitado. Este fluxo é chamado também Ágape: a palavra grega para o Amor. Diante de todas estas considerações a pesquisadora refletiu sobre como melhor explorar as conclusões, ideias e opiniões dos participantes em geral sobre os dilemas que envolvem uma gestão socialmente responsável.

CONCLUSÕES

A pesquisa constituiu-se em uma oportunidade real e consistente para praticar o método de pesquisa-ação. À princípio, as perguntas na primeira pessoa soaram como mais fáceis ou mais ‘confortáveis’ para desenvolver. No entanto, refletindo sobre as interações na segunda pessoa, houve o reconhecimento de que o seu preparo e desenvolvimento foram interessantes e prazerosos. Ao final, trouxeram um sentimento de maior proximidade com as pessoas e a consciência de que havia sido aberto um canal de comunicação ainda não experimentado anteriormente.

Esta abordagem promoveu a performance da pesquisadora, enquanto estudiosa do tema e consultora em responsabilidade social; ampliou seus horizontes teóricos e

²⁰ MACY, J. *World as Lover, World as Self*. 1987.

referenciais sobre ecofeminismo, sustentabilidade e pesquisa-ação; fortaleceu sua função como gerente de projetos sociais e sua relação profissional como um todo.

O relevante, contudo, foi que possibilitou entender alguns dos muitos desafios para a construção de um mundo com visão holística, o qual requer mudanças de percepção, de pensar e, também, de valores. Esta mudança se concretiza quando o pesquisador acolhe os princípios do ecofeminismo, aplicando-os em práticas profissionais no campo da responsabilidade social empresarial, com a intenção que se expressa pelo final do poema O Amor, de Vladimir Maiakovski,

... Para que doravante
a família seja
o pai,
pelo menos o Universo,
a mãe,
pelo menos a Terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, F. **A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo, Cultrix, 1996.

DI CIOMMO, Regina C. **Ecofeminismo e Educação Ambiental.** São Paulo: Cone Sul & UNIUBE, 1999.

ELKINGTON, J. **Cannibals with Forks: the triple bottom line 21 st century business.** Filadélfia: New Society. 1998.

INSTITUTO ETHOS. Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial 2005. São Paulo: Instituto Ethos

KING, Y. **Healing the Wounds: Feminism, Ecology, and the Nature/Culture Dualism,** in Irene Diamond and Gloria Feman Orenstein (eds) *Reweaving the World: The Emergence of Ecofeminism*, San Francisco: Sierra Club Books. (1990)

MACY, J. **World as Lover, World as Self: Courage For Global Justice And Ecological Renewal.** Berkeley: Parallax Express. 1987.

MARSHALL, J. **Living life as inquiry Systemic practice and action research,** vol 12, nº 2, pp 155-171. Centre for action research in professional practice, University of Bath. 1999.

McNIFF, J. **Action Research for Professional Development. Concise advice for new action researchers.** Dorset: September Books. 2002.

MURARO, R. e BOFF, L. **Feminino e Masculino Uma nova consciência para o encontro das diferenças.** Rio de Janeiro:Sextante.2002.

NAESS, A. **Ecology, Community and Lifestyle.** Cambridge: Cambridge Press. 1990.

PLANT, J. **Healing the Wounds. The promise of eco-feminism.** Philadelphia, New Society. 1989.

REASON, P. and BRADBURY, H. **The Handbook of Action Research: Participative Inquiry and Practice.** LONDON, Sage. Ch. 44 Self-Reflective Inquiry Practices: Judi Marshall. 2001

SHIVA, V. **Staying alive: Women, ecology, and development.** London: Zed. 1989.